



Foi dada a largada

A sorte está lançada. A presidente Dilma Rousseff iniciou, ontem, efetivamente o segundo mandato, ao anunciar a nova equipe econômica. O sentimento no Palácio do Planalto é o de que, ao rasgar a política que prevaleceu no primeiro mandato, a petista abriu mão de convicções importantes. Não está se dando o direito de errar.

Dilma sabe que o que está em jogo, daqui por diante, é a permanência do PT no poder. Se continuasse insistindo nos equívocos dos últimos quatro anos, certamente ajudaria a oposição a retornar, mais facilmente, ao Palácio do Planalto. A ironia é que a presidente está precisando seguir a receita da oposição para se livrar do fiasco.

Quem se der ao trabalho de recuperar o discurso de Dilma durante a campanha eleitoral verá que seu novo ministro da

Fazenda, Joaquim Levy, tratou de jogá-lo no lixo ao se apresentar como novo guardião dos cofres públicos. Ele ressaltou que, sem um ajuste consistente nas finanças do governo, indicando compromissos com metas de superavit factíveis nos próximos anos, não há como o país sair do atoleiro em que se encontra.

Levy foi taxativo: "O objetivo imediato do governo e do Ministério da Fazenda é estabelecer uma meta de superavit primário para os três próximos anos, compatível com a estabilização e declínio da relação dívida bruta em percentual do PIB (Produto Interno Bruto)". Desde que Dilma tomou posse, em 2011, e a gastança se instalou na Esplanada nos

**Levy deu
direções, mas
não se
aprofundou nos
detalhes das
medidas do
ajuste fiscal, até
para não
alimentar muitas
expectativas,
já que ele está
caminhando
sobre um
terreno minado**

Ministérios, o endividamento total do país saltou de 53% para 61%. É o maior nível entre as nações emergentes.

O sucessor de Guido Mantega foi além, ao frisar que não haverá mais transferências de recursos do Tesouro Nacional para os bancos públicos. Durante a caminhada à reeleição, Dilma frisou que, se a oposição chegasse ao poder, "não ficaria pedra sobre pedra" nas instituições financeiras federais. E alardeou que programas sociais, como o Minha Casa, Minha Vida e os financiamentos à agricultura, seriam destruídos. Nada disso vai acontecer. Apenas, com o rigor de Levy, todas as liberações de recursos públicos serão feitas de forma criteriosa.

Nem mesmo Nelson Barbosa, que comandará o Ministério do Planejamento e é mais alinhado ao pensamento de Dilma, deixou de jogar uma pá de cal sobre a política econômica do primeiro mandato da chefe. Ele ressaltou que, sem crescimento, não há como fazer inclusão social. A petista, na corrida por mais quatro anos no Planalto, reforçou que a população não comia PIB.

A tendência é de que, nos próximos dias, a nova equipe vá anunciando uma série de medidas para mostrar que o compromisso de Dilma de fazer o país voltar a crescer com inflação na meta é para valer. É verdade que as primeiras palavras de Levy não causaram a comoção que o mercado financeiro esperava. Foi firme, deu direções, mas não se aprofundou nos detalhes, até para não alimentar muitas expectativas, já que ele mesmo está caminhando sobre um terreno minado.

Chega de promessas

A enxurrada de declarações positivas, seja de banqueiros, seja de empresários, depois do anúncio da equipe econômica, animou a presidente Dilma. Mas quem conhece bem a economia real sabe que palavras podem se perder ao vento rapidamente. Ou seja, a partir de agora, a cobrança por ações concretas vai se intensificar. Com os nomes confirmados, os questionamentos dos agentes econômicos terão endereço certo. O que se ouve no mercado é que chegou a hora da verdade. De discursos e promessas, todos estão cheios.